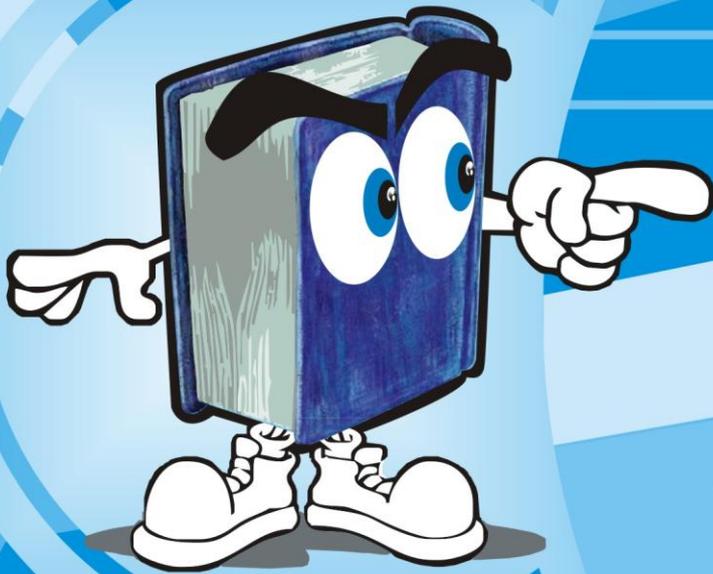


# ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA E ENSINO



## UNIDADE – 4

A EFERVESCÊNCIA DA POESIA NOS  
ANOS 70 E 80 – ESCRITORES  
MARGINAIS

LITERATURA POTIGUAR NA SALA DE AULA

Autor

MARCEL LÚCIO MATIAS RIBEIRO



## ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA E ENSINO



### GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República

**LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Ministro da Educação

**FERNANDO HADADD**

Secretário de Educação a Distância

**CARLOS EDUARDO BIELSCHOWSKY**

Reitor do IFRN

**BELCHIOR DA SILVA ROCHA**

Chefe da DETED/UAB

**ERIVALDO CABRAL**

Coordenadora da UAB/IFRN

**ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE**

Coordenadora da Especialização

**FRANCISCA ELISA DE LIMA**

### A EFERVESCÊNCIA DA POESIA NOS ANOS 70 E 80 – ESCRITORES MARGINAIS - Unidade – 1

Professor Pesquisador/Conteudista

**MARCEL LÚCIO MATIAS RIBEIRO**

Coordenação da Produção de Material

Didático

**ARTEMILSON LIMA**

Design Instrucional

**ILANE CAVALCANTE**

Coordenação de Tecnologia

**ELIZAMA LEMOS**

Revisão Linguística

**ROBERTA DUARTE DE ARAUJO**

Formatação Gráfica

**MARCELO POLICARPO**

Ilustrador

**MARCELO POLICARPO**



### UNIDADE 04:

## A EFERVESCÊNCIA DA POESIA NOS ANOS 70 E 80 – ESCRITORES MARGINAIS



### APRESENTANDO A UNIDADE

Nesta unidade, a poesia marginal dos anos 70 e 80 do século passado em solo potiguar é debatida a partir de textos de três poetas que participaram ativamente do período: Antonio Ronaldo, João Batista de Moraes Neto (João da Rua) e Marize Castro.

A escolha pela poesia marginal ocorreu porque, geralmente, ela sempre fica em segundo plano nas abordagens sobre a literatura potiguar. Pois, ainda existe um academicismo, uma espécie de falso moralismo muito forte na literatura da província; existe muita gente que se arrola “grande autor” sem ter publicado uma obra sequer ou então tendo publicado uma “pequena obra”, em extensão e em valor estético (o que é dito é dito sem preconceito!).

Então, por meio da análise de poemas de Antonio Ronaldo e da observação de textos críticos e auto-avaliativos de João Batista de Moraes Neto e Marize Castro, traça-se um breve perfil da poesia marginal do RN.

Objetivos:

Observar traços estéticos que compõem a poesia marginal do RN;



Analisar poemas de Antonio Ronaldo;

Dimensionar relevância da literatura marginal dentro de seu contexto histórico e posteriormente.



### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma vez, num texto sobre semiótica, existia uma passagem discorrendo sobre o esquecimento. Esquecer seria uma forma de se preservar a vida, porque, apagando da memória as coisas ruins, a cabeça ficaria menos pesada. Acontece que não são esquecidos apenas os fatos desagradáveis. Muita coisa boa, se não utilizada, fica a comer poeira. O esquecimento pode ser injusto. Na vida e na literatura.

Nos anos 70 e 80 do século passado, houve grupos de poetas que se destacaram pela produção marginal. Mimeografavam seus poemas em papéis fajutos e os lançavam para a efemeridade. Muitos desses poetas e poemas foram esquecidos. Não foram respeitados pela academia. O movimento para a construção de uma literatura alternativa foi mundial. Geração Beat, movimentos contraculturais, rock and roll, Tropicalismo, Cinema Novo, valorização da cultura popular, que também era e é marginalizada, e recusa do autoritarismo e das verdades absolutas do sistema capitalista. Enfim, resistência cultural. Restou o de sempre: esquecimento.

Pegando, no entanto, um pouco de areia, água e cimento talvez seja possível reconstituir o que passou e não ficou. O tempo é curto, é dinheiro, é saturado e deixa a memória fraca, por isso, um poeta dessa época será escolhido para ser lembrado e depois esquecido novamente: Antonio Ronaldo.



Ronaldo, poeta, músico, e compositor, nasceu em Mossoró, no ano de 1957. Aos 13, mudou-se para Natal, onde reside até hoje. Tendo vindo estudar na Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte e, depois, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, travou contato com pessoas ligadas ao cenário artístico local, como Fernando Mineiro (que resolveu se dedicar à política), Adriano de Sousa e outros poetas da geração mimeógrafo. Recebeu influências das propostas poéticas alternativas, das vanguardas e de nomes consagrados da MPB - Música Popular Brasileira: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa.

Desde pequeno, sério e reservado, escrevia e tocava para preencher este vazio que se chama vida. Iniciou sua produção poética “mais séria”, como diz, em 1977. Seu primeiro livro *Usura colonial ou do incesto histórico entre nós e eles* saiu em 1978, mimeografado, em parceria com Adriano de Sousa. Ainda em formato mimeógrafo, publicou *Matéria plástica* (1980) e *Amante Ladino* (1985). Lamentavelmente, o poeta não possui mais esses livros nem os poemas que publicou nos jornais alternativos da época. Em setembro de 2000, última chance para publicar no século vinte, conseguiu apoio editorial e lançou *Badulaques bombons/ Stars afins/ Certas canções insertas*. Em 2003, publicou a coletânea de poemas *Jeans avariado*.

No campo musical, Ronaldo (foto à direita) é um atuante compositor. Possui várias músicas de sua autoria cantadas por bons intérpretes do Estado: Cida Lobo, Geraldo Carvalho, Lane Cardoso, entre outros. É também intérprete e instrumentista e, apesar da relutância para gravar um trabalho musical solo, lançou, em 2009, o CD *Sátiro*, com composições suas e de outros artistas de sua geração. Na verdade, a demora em gravar revela o fato de não gostar de estar na vitrine, em evidência, postura coerente com sua conduta de poeta marginal.





A poesia de Ronaldo é marcada pela coloquialidade, musicalidade, humor, nostalgia e resistência, como bem observou a poeta Marize Castro em artigo publicado na Tribuna do Norte, no dia 14 de outubro de 2001. Porém, o aspecto fundamental de sua poesia, admitido inclusive por ele, é a liberdade. Para o poeta:

Na minha poesia está toda a indignação que eu tenho das pessoas não serem livres o suficiente. A poesia precisa, mais do que tudo, negar essa subordinação que o mundo da vida da gente tem do mundo dos sistemas, do mundo das regras. A poesia é um elemento fundamental para nos resgatar dessa onda que nos arrasta. A gente está permanentemente sendo conduzida para uma vida contaminada pelas razões, por uma sensibilidade que não é autêntica. A sensibilidade legítima é aquela que nos humaniza, e a poesia tem compromisso com isso.

Para provar as palavras do poeta, pode-se ler um poema seu que transforma em poesia o que ele disse em prosa:

### LEVEM-ME AO SEU LÍDER

Podem acionar esse povo  
Podem acordar a nação  
Levem-me ao seu líder  
Atem-me a alma e as mãos

Não me incomoda essa força  
Não me acomoda essa justa  
Levem-me ao seu líder  
Cortem-me o coração

Podem insuflar essa turba  
Arregimentem os peões  
Levem-me ao seu líder  
Eu não vim aqui em vão

Não me acovarda essa luta  
Não me intimida a prisão  
Levem-me ao seu líder  
Eu não vim aqui em vão

Podem chamar a polícia



Podem alistar os ladrões  
Levem-me ao seu líder  
Lavem-me a alma e as mãos

Podem recorrer à bruta  
Encarcerar-me na gruta  
Levem-me ao seu líder  
Eu não vim à vida em vão

Essa busca pela liberdade talvez decorra do fato de Ronaldo haver sido um menino retraído e tímido. Hoje, adulto, o poeta diz que tenta resgatar, em sua personalidade e em sua obra poética, as brincadeiras que não brincou quando criança.

Outro traço que chama a atenção em sua poesia é o lirismo. Não aquele lirismo alegre e esperançoso, ingênuo, mas sim um lirismo cético e com toques de melancolia e descrença no amor entre um homem e uma mulher, como se pode observar no poema a seguir:

### CARPE DIEM

O que dizer da paixão abrasiva  
de uma mulher efêmera  
por um homem duradouro?

O mesmo que já se diz  
do amor, quiçá martírio  
de uma mulher duradoura  
por um homem efêmero

Não importa o tempo, a memória, o esquecimento. Se efêmero ou duradouro, não faz diferença. O fato é que o poeta que é poeta mesmo não necessita estar nas academias de letras, universidades, jornais ou revistas. O poeta de verdade constrói a sua história com seriedade e sem ambições. Cabe ao público lê-lo ou deixá-lo de lado. Todo poeta autêntico, a exemplo de Antonio Ronaldo, é marginalizado.









### INDICAÇÃO DE LEITURA

#### OBRIGATÓRIA

CASTRO, Marize. *Além do nome*. Natal: Una; Fundação Capitania das Artes, 2008.

MORAIS NETO, João Batista. *Geração alternativa ou um alô pra Helô*. Natal: Sebo Vermelho; Fundação Capitania das Artes, 2005.

RONALDO, Antonio. *Badulaques bombons/ Stars afins/ Certas canções insertas*. Natal: Timbre, 2000.

#### COMPLEMENTAR

CASTRO, Marize. *Marrons crepons marfins*. Natal: Clima; Fundação José Augusto, 1984.

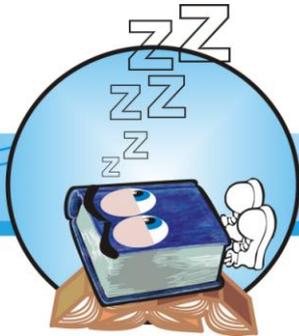
GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

MEDEIROS, J. *Geração alternativa: antilogia poética potiguar*. Natal: Marela, 1997.

MORAIS NETO, João Batista. *Temporada de ingênios e outros*. Natal: Sebo Vermelho, 2006.

RONALDO, Antonio. *Jeans avariado*. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sátiro*. 2009. (CD musical).



### REFERÊNCIAS

CASTRO, Marize. *Além do nome*. Natal: Una; Fundação Capitania das Artes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Marrons crepons marfins*. Natal: Clima; Fundação José Augusto, 1984.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

MEDEIROS, J. *Geração alternativa: antilogia poética potiguar*. Natal: Marela, 1997.

MORAIS NETO, João Batista. *Geração alternativa ou um alô pra Helô*. Natal: Sebo Vermelho; Fundação Capitania das Artes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Temporada de ingênios e outros*. Natal: Sebo Vermelho, 2006.

RONALDO, Antonio. *Badulaques bombons/ Stars afins/ Certas canções insertas*. Natal: Timbre, 2000.

\_\_\_\_\_. *Jeans avariado*. Natal: Sebo Vermelho, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sátiro*. 2009. (CD musical).